

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Débora Pereira de Avelar

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM:  
NEGLIGÊNCIA E CUMPLICIDADE**

Belo Horizonte

2012

Débora Pereira de Avelar

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM:  
NEGLIGÊNCIA E CUMPLICIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcilaine  
Soares Inácio Gomes

Belo Horizonte

2012

Débora Pereira de Avelar

## **A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: NEGLIGÊNCIA E CUMPLICIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcilaine Soares Inácio Gomes

Aprovado em 14 de julho de 2012.

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcilaine Soares Inácio Gomes (orientadora)– Faculdade de Educação da UFMG

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clenice Griffo – Faculdade de Educação da UFMG

## Agradecimentos

Correndo o risco de cometer omissões, devo, no entanto, deixar expresso o meu reconhecimento a todos aqueles que de um jeito ou de outro, tornaram possível este trabalho.

Primeiramente às famílias de todos meus alunos pela disponibilidade e compreensão demonstradas, em especial às mães de G. e P.A..

Aos meus professores que ao longo de um ano e seis meses me proporcionaram o abrir de novos horizontes e o lançar de um novo olhar para a educação, principalmente no que concerne à sempre viva e polêmica questão das dificuldades de aprendizagem.

À mestre Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> **Marcilaine Soares Inácio Gomes** pela disponibilidade e confiança manifestadas, por acreditar no meu potencial e mesmo quando a motivação começava a faltar e a ansiedade prevalecia, incentivou-me a prosseguir; e, acima de tudo pela clareza das sugestões, recomendações e orientações dadas.

Finalmente, o meu agradecimento e a dedicação deste trabalho ao meu marido, **Marcelo Ferreira**, minha filha, **Marcelle Avelar Ferreira**, meus familiares e em especial à amiga **Andréia Menezes de Jesus**, pela ajuda, estímulo, esforço, sacrifícios e apoio permanentes.

## **RESUMO**

O presente trabalho aborda a problemática da relação família/escola tendo como foco específico um aluno da Escola Municipal Francisca de Paula, que está cursando o 3º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental e que apresenta um quadro de dificuldade de aprendizagem. O trabalho aborda, sobretudo, a atuação da família do aluno no decorrer do processo de aprendizagem, detectando possíveis fatores afetivos, hereditários, sociais, familiares, dentre outros; que possam estar impedindo o sucesso desse aluno no processo de aprendizagem. Para tanto foi desenvolvido um plano de ação com intervenções pedagógicas, de cunho interpessoal, cujo objetivo foi provocar a mudança de atitudes e hábitos familiares e escolares que valorizem a criança e sua relação social. Em conclusão, podemos referir que a problemática específica da dificuldade do aluno G., conforme apresentado, parte da falta de proximidade e conseqüentemente uma provável negligência da família, no que se refere às questões escolares.

**Palavras- chave: relação família/escola –  
dificuldades de aprendizagem**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. FAMÍLIA E ESCOLA: CUMPLICIDADE E NEGLIGÊNCIA .....</b>	<b>09</b>
<b>3. DIFICULDADES E DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>10</b>
<b>4. PLANO DE AÇÃO .....</b>	<b>12</b>
4.1 JUSTIFICATIVA .....	12
4.2 OBJETIVOS .....	13
4.2.1 Objetivo Geral .....	13
4.2.2 Objetivos Específicos .....	13
4.3 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	14
4.4 QUADRO DE DIFICULDADES DOS ALUNOS G. E P.A. ....	18
4.4.1 O caso G.: a negligência da família em relação à escola .....	18
4.4.2 O caso P.A: a cumplicidade da família em relação à escola .....	20
4.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS .....	26
4.5.1 Pesquisa, com as famílias, para levantamento de dados relacionados à interação família/escola.....	26
4.5.2 Relatórios encaminhados aos especialistas da área de saúde .....	26
4.5.3 Relatórios de outros professores que acompanham o processo de aprendizagem de G. na turma desde 2010 .....	26
4.5.4 Entrevista direta, objetiva e descritiva com a mãe do aluno.....	27

4.5.5	Entrevista direta, objetiva e descritiva para o aluno .....	27
4.5.6	Quadro de rotina de tarefas familiares a ser preenchido pela mãe com auxílio da professora .....	27
4.5.7	Observação da brincadeira espontânea .....	27
4.5.8	Dinâmica de sensibilização .....	27
4.5.9	Projeto de leitura: “Álbum ‘de figurinhas’” .....	29
5.	CONCLUSÃO .....	30
6.	REFERÊNCIAS .....	33
7.	APÊNDICE .....	35

## **1. INTRODUÇÃO**

A presente monografia tem como tema a influência da família no processo de aprendizagem de duas crianças que apresentam quadros de dificuldades e/ou distúrbios de aprendizagem. O foco do estudo são as interações entre família e escola e suas implicações para o processo de aprendizagem de dois alunos da escola em que atuo como professora alfabetizadora. Trata-se de dois casos em que a parceria e a negligência da família em relação à vida escolar das crianças resultaram, respectivamente, em um avanço progressivo e na estagnação do processo de aprendizagem.

O estudo e o plano de ação aqui apresentados foram desenvolvidos na Escola Municipal Francisca de Paula que está localizada na periferia do município de Belo Horizonte e atende basicamente a crianças oriundas de famílias carentes. O interesse pelo assunto surgiu de um descontentamento pessoal relacionado ao processo de aprendizagem de duas crianças, que chamarei de G. e P.A., que apresentavam inicialmente quadros de dificuldades de aprendizagem muito parecidos, mas que evoluíram de maneira totalmente diferente, por causa das atitudes das famílias em relação às solicitações da escola, tais como convocação dos responsáveis para reuniões e encaminhamentos aos profissionais da saúde. O descontentamento resultou de uma sensação de impotência diante das dificuldades apresentadas por uma das crianças e da falta de retorno, dela e sua família, a todas as tentativas, da escola, de promover a construção do saber por ela mesma.

## **2. FAMÍLIA E ESCOLA: CUMPLICIDADE E NEGLIGÊNCIA**

De acordo com Marcus Vinícius Cunha (2000, p. 447) a família e a escola são instituições sociais que giram em torno de um mesmo centro, o educando, ou seja, o ser educável, a pessoa que se desenvolve da infância à maturidade, um ser social envolvido na cultura de seu meio. A relação entre escola e família foi quase sempre conturbada. A escola, historicamente buscou educar não apenas o aluno, mas também sua família e justificou essa atitude de diferentes maneiras (CUNHA 2000, p. 447). De acordo com Romanelli, Nogueira e Zago (2008), os estudos sobre a relação entre família e escola não são novidade na educação.

No mundo globalizado, individualista, no qual os indivíduos têm que se adequar aos apelos capitalistas, é possível perceber que a família foi se transformando e adquirindo novas formas, funcionam de diferentes maneiras e muitas vezes tem que abrir mão das obrigações familiares e se dedicarem ao trabalho ou negligenciam suas responsabilidades entregando-se excessivamente ao lazer, isso conforme o lugar, o momento histórico, os fatores sociais, políticos, econômicos e religiosos. Constata-se que as relações familiares influenciam e são influenciadas pelos movimentos sociais e se modificam conforme as necessidades criadas pelo homem, que modifica seus comportamentos, tornando-se diferentes de seus antepassados e de seus sucessores. (ROSSINI, 2001)

Assim, a família procura mecanismos para transformar e moldar seus membros conforme as exigências do meio em que está inserida. A estrutura familiar, portanto, deixou de ser basicamente patriarcal, criaram-se novas bases em que alguns membros desse novo clã se adaptaram, outros não, e dessa forma alteram ou correspondem às expectativas do grupo familiar a que pertencem. Assim também esse reflexo de alteração familiar afetou as relações família/escola/processo aprendizagem. (ROSSINI, 2001)

### 3. DIFICULDADES E DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

Do mesmo modo que a relação entre a escola e a família não é uma novidade na área da educação, as dificuldades e distúrbios de aprendizagem também não são. Muito já se falou sobre o assunto. Atualmente os distúrbios da aprendizagem constituem um assunto que gera discussões e dificuldades relativas à definição, causas e tratamentos.

Analisando Vanessa Panda Deuschle (1996), Gabriele Donicht (1996), Giovana Romero Paula (1996) fica claro que é necessário distinguir esses termos e que não fazer essa distinção pode levar-nos a conclusões muitas vezes errôneas a respeito do aluno e a forma correta de lidar com seu problema, seja de origem pedagógica, seja de origem neurológica.

*Para França (1996), a distinção feita entre os termos dificuldade e distúrbios de aprendizagem está baseada na concepção de que o termo "dificuldade" está relacionado a problemas de ordem pedagógica e/ou sócio-culturais, logo, o problema não está centrado apenas no aluno. Essa visão é mais freqüentemente utilizada em uma perspectiva preventiva. Por outro lado, o termo "distúrbio" está vinculado ao aluno que sugere a existência de comprometimento neurológico em funções corticais específicas, sendo mais utilizado pela perspectiva clínica ou remediativa (DEUSCHLE, ET AL.2006)*

Corroborando, Ciasca apresenta o distúrbio de aprendizagem como sendo uma disfunção do Sistema Nervoso Central relacionada a uma falha no processo de aquisição ou de desenvolvimento, tendo, portanto, caráter funcional, diferentemente de dificuldade escolar – DE – que está relacionada especificamente a um problema de origem e ordem pedagógica (CIASCA, 2003, p. 27).

Sendo assim, destacaremos a seguir, conforme (KUSE, 2011 e MAIA, 2008), os conceitos de alguns distúrbios de aprendizagem específicos:

**Dislexia:** caracteriza-se por dificuldades específicas em compreender palavras escritas na leitura (KUSE, 2011).

**Disgrafia ou Disortografia:** inabilidades quanto à ortografia, caligrafia e à capacidade de compor textos (KUSE, 2011).

**Dislalia:** é um distúrbio da fala, uma dificuldade em articular palavras (KUSE, 2011).

**DDA** (Distúrbio de déficit de atenção): é um distúrbio neurológico, que apresenta um trio de sintomas significativos que são: alterações da atenção, impulsividade, e da velocidade da atividade mental e física (hiperatividade) (MAIA, 2008)

**Hiperatividade:** é um desvio comportamental, caracterizada pela excessiva mudança de atitudes e atividades. O sujeito hiperativo tem dificuldades de se manter quieto para que possa desenvolver atividades comuns do seu dia-a-dia. (MAIA, 2008)

Ninguém é igual a ninguém. Portanto, nossas habilidades são diferentes, o que significa que nossos ritmos também o são. Lidar com essas diferenças e individualidades pode ser muito difícil. Porém, existe aí, uma oportunidade para promover a troca de experiências entre os pares. Para tanto, é necessária a participação familiar para que haja evolução e a construção do saber em todos os campos.

## 4. PLANO DE AÇÃO

### 4.1 JUSTIFICATIVA

#### ❖ Do profissional

Sou professora alfabetizadora há dez anos e sinto que trabalhar com crianças é realmente gratificante para mim. No dia-a-dia em sala de aula somos desafiadas a todo instante. E é esse desafio que nos impulsiona a buscar aquilo que não sabemos para garantir a aprendizagem das crianças e refletir sobre a nossa profissão.

Como todo professor, busco preparar as aulas de modo a contribuir para o desenvolvimento dos alunos em seus aspectos cognitivo, afetivo, social e psicomotor. Por esse motivo não me recuso a receber crianças com deficiência. Em quase quinze anos de profissão recebi estudantes com diferentes dificuldades e deficiências, entre as quais posso citar: hiperatividade, déficit de atenção, dislexia, dislalia, entre outras; crianças oriundas de classes sociais e com necessidades diferentes.

Acredito que todo aluno chega à escola com expectativas em relação à aprendizagem; traz consigo uma cultura própria, conhecimentos prévios e a oralidade do meio em que vive. Cabe a nós, educadores, tentarmos satisfazer essas expectativas, incentivando-os a usá-las para seu desenvolvimento; além de estabelecer relações entre essa cultura preexistente e as novas aprendizagens existentes e experimentadas apenas na escola, não mudando ou substituindo e sim ampliando esse universo.

#### ❖ Da hipótese

O motivo que me despertou o desejo de desenvolver esse plano de ação está relacionado ao descontentamento que sinto quando penso nas crianças, mais especificamente em uma criança, que após dois anos de estudo, aulas de reforço, e principalmente no contato em reuniões com os responsáveis, encaminhamentos (que não foram realizados) aos profissionais da saúde; não evoluiu muito no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Tal fato me causa uma sensação de

impotência diante das dificuldades apresentadas pela criança e a falta de retorno a todas as tentativas em promover de fato a construção do saber por ela mesma.

Conforme Maria Augusta Sanches Rossini, em *Pedagogia Afetiva* (2001), a família sofreu no decorrer dos anos, mudanças estruturais que interferem drasticamente no processo escolar da criança. Os pais vêm delegando a outros suas funções e negligenciando ações importantes na formação da personalidade e questões sociais de seus filhos. De acordo com a autora,

*Precisamos de pais que realmente desempenhem o papel de pai e mãe com firmeza. Que estejam prontos a atender os filhos em suas necessidades básicas sem protecionismo, atentos às diferentes fases evolutivas pelas quais seus filhos passam: infância, adolescência [...]*  
(ROSSINI, 2001, p. 42)

Diante do exposto, considero importante analisar a família do aluno G. em vários aspectos e verificar a influência da mesma no desenvolvimento escolar do aluno.

## 4.2. OBJETIVOS

### 4.2.1 Objetivo geral

- Analisar e refletir sobre a ação da família no processo de ensino/aprendizagem dos alunos G. e P.A na Escola Municipal Francisca de Paula.

### 4.2.2 Objetivos específicos

- Estabelecer um paralelo entre a vida escolar de G. e a vida familiar.
- Verificar a importância do processo de aprendizagem escolar para o grupo familiar do aluno G.
- Identificar a importância da escola para a criança.
- Elaborar ações e estratégias de intervenção pedagógica que viabilizem a alfabetização do aluno G.
- Ampliar as propostas de intervenção na alfabetização para os demais alunos/famílias da turma.

### 4.3 CONTEXTUALIZAÇÃO

#### ❖ Da escola

Atuo na Rede Municipal de Belo Horizonte há seis anos, em dois segmentos diferentes: Educação Infantil e Ensino Fundamental. As escolas localizam-se na regional oeste e tem clientela similares, crianças oriundas das classes economicamente menos favorecidas. A reflexão sobre a importância do papel da família no processo escolar do aluno G. acontece na Escola Municipal Francisca de Paula onde atuo numa turma de 3º ano do 1º ciclo.

A Escola Municipal Francisca de Paula localiza-se na periferia do município de Belo Horizonte e as crianças são oriundas, em sua maioria, de famílias carentes. A maior parte dos professores já concluiu ou está finalizando o curso superior e, alguns, possuem pós-graduação. Nossa equipe de apoio é composta por um Diretor, uma Vice-Diretora, dois Coordenadores, um para cada ciclo, em cada turno. A escola ainda oferece à comunidade os projetos da PBH: “Escola Integrada” e “Escola Aberta”. Na “Escola Integrada”, os alunos permanecem na escola por um período de nove horas por dia e participam de diversas oficinas e aulas especializadas. Já na “Escola Aberta”, a escola funciona aos sábados e domingos, oferecendo à comunidade diferentes projetos e aulas para participarem, como: aulas de dança, música, pintura, grafite, informática etc. O prédio foi construído numa área doada pela prefeitura, inclusive, as áreas ao redor foram invadidas na época da construção, e hoje, a escola ganhou na justiça, o direito de incluir em sua área um terreno ao lado, compondo uma quadra anexa, onde são realizadas várias atividades da escola e da “Escola Integrada”. A construção possui dezoito salas de aula, sendo que três são no andar térreo e as outras dezesseis no andar superior. No andar superior contamos com um auditório, construído recentemente.

Além das três salas de aula, temos duas salas de informática, uma sala de direção, uma de coordenação, uma secretaria, uma sala para a Secretária, dois banheiros, masculino e feminino, para funcionários, uma biblioteca pequena, dois banheiros que são utilizados pelos adultos que vêm à escola, dois banheiros para as crianças, um banheiro adaptado para deficientes, a quadra coberta, a quadra anexa, um vestiário, que é utilizado pelo pessoal de serviços gerais, uma sala utilizada para aulas do PIP “Programa de Intervenção Pedagógica”, uma cantina e uma sala para mecanografia. Possui também um pátio coberto e uma área

cimentada onde acontece o recreio dos alunos. O parquinho da escola foi reformado recentemente e conta com brinquedos de aço, presos ao chão e está dentro de uma área que foi cercada por grades, pois os alunos maiores já quebraram os brinquedos anteriores.

#### ❖ Da turma

A turma em que atuo iniciou o ano de 2012 com 20 alunos. Uma criança foi transferida no início do ano, chegou outra em meados de fevereiro e finalmente, chegaram mais duas colegas em março e, hoje, é constituída por 23 crianças, sendo 10 meninas e 13 meninos. Acompanho a turma desde o ano de 2010, quando cursaram o 1º ano do 1º ciclo. Os alunos apresentavam variados níveis de leitura, apenas dois já “sabiam ler”. Eles já haviam desenvolvido a capacidade de decifração da escrita, ou seja, eram capazes de identificar as relações entre grafemas e fonemas, princípio básico de funcionamento do nosso sistema de escrita. Trata-se de um processo de análise em que a criança vai lendo letra por letra ou silabando muito, o que é próprio do leitor iniciante. O restante da turma encontrava-se ainda em nível de pseudoleitura, que é quando a criança reconhece palavras e símbolos da sociedade mesmo antes de ter compreendido como se comportam as letras na formação das palavras.

A partir da intensificação da prática da leitura dentro de sala e a construção de significados para essa aprendizagem, foram se soltando e a leitura passou a ser mais fluente. Todos gostam muito de ler para a turma e atualmente estão se interessando mais em produzir textos para socializar a leitura, pois estão em pleno processo de descoberta dos sinais de pontuação e como a pronúncia muda de acordo com a sinalização, gostam de ler a mesma frase com diferentes pontos, pois deverão dar entonações diferentes.

Como disse, a turma está num momento de consolidação da alfabetização, porém uma criança me causa certo descontentamento por meu trabalho, por apresentar um quadro de dificuldades discrepante do restante da turma. Vou nomeá-lo G. para resguardar sua identidade.

#### ❖ Do aluno

Considero de suma importância relatar aqui, como foi o desenvolvimento pedagógico de G. para poder tentar analisar tanto o 'sucesso' quanto o 'fracasso' no seu processo de aprendizagem; tendo como parâmetro o restante de 22 crianças; que lêem e produzem textos espontaneamente, ainda que pouco elaborados.

G. iniciou o ano de 2010, com cinco anos de idade e completou seis no mês de maio. No início, sua dificuldade era relacionada à imaturidade. G. não conseguia permanecer dentro da sala de aula como os demais colegas. Tinha reações estranhas, como dar gritos em momentos totalmente inesperados, não ficava no seu lugar por mais de cinco minutos, deitava-se no chão e se arrastava, imitando um colega que também apresentava dificuldades de adaptação, estava sempre mexendo com algum brinquedinho (que levava escondido da mãe) debaixo da mesa, além de demonstrar necessidade de estar sempre segurando algo, entre outras coisas.

Naquele momento, analisamos (a coordenadora da escola e eu) a situação como sendo imaturidade e problemas de adaptação, que seriam resolvidos com o tempo. Porém, o tempo foi passando e G. ainda continuava com as mesmas atitudes e demonstrando as mesmas dificuldades: o uso do caderno era feito de ponta a cabeça, de frente para trás, pulando folhas; o lápis servia para morder, fincar nos colegas, menos para escrever; apertava a cola demais derramando-a por todo lado; a borracha servia para morder e cuspir pedacinhos nos colegas; além de outras coisas que destoava do restante da turma.

Mesmo com tantos problemas, o processo de aprendizagem foi acontecendo e G. até que começou a dar sinais que iria desenvolver. E realmente G. se sai bem em atividades motoras e musicadas como a capoeira, aulas de Educação Física; além de atividades recreativas como jogos na Internet, Dia do Brinquedo entre outras. Mas, ao mesmo tempo em que dava algum sinal positivo, ele retrocedia.

E é assim que tem sido o processo de aprendizagem de G., um constante vai e volta no processo: se hoje ele reconhece uma letra, amanhã não sabe o nome dela! Até o próprio nome, ele escreve cada hora de um jeito, hora apenas pela metade, hora uma parte do primeiro nome com outra do sobrenome, às vezes

silabicamente, às vezes, se lembra da ficha com o nome e tenta usá-la como modelo, porém ainda assim demonstra dificuldade.

No momento de interagir com os colegas, durante as atividades, ele nunca aceita ajuda, nem demonstra vontade de realizar as atividades. É quase impossível conseguir que G. copie pelos menos uma linha inteira do que foi escrito no quadro. Apresenta dificuldade no uso da letra cursiva, o que o leva a misturar as letras caixa alta e cursiva. Ele ainda não consegue utilizar os cadernos de maneira autônoma, temos (a auxiliar de apoio à inclusão da turma e eu) que ficar o tempo todo atentas e sempre o orientando como escrever, da esquerda para a direita e de cima para baixo, caso contrário, ele começa no meio do caderno, passa de uma folha pra outra continuando uma frase que não coube numa linha.

Sabendo que as dificuldades aqui apresentadas são próprias de qualquer aprendiz, iniciante, da língua escrita; cabe ressaltar que G. encontra-se no 3º ano do 1º ciclo, e, portanto, deveria estar em fase de consolidação do processo de alfabetização; mas ao contrário, encontra-se ainda em fase inicial, demonstrando ter o ritmo mais lento do que o restante da turma.

Na hora de ler, G. apenas soletra, ainda que saiba qual é a sílaba formada, ele não consegue juntar e ler a palavra inteira; não reconhece sequer palavras que lhe são familiares em algumas situações em textos que utilizem essas mesmas palavras.

G. consegue estabelecer relação grafema/ fonema, apenas quando ouve o nome das letras que formam a palavra em questão. Isso nos remete ao diagnóstico de dislexia, mas não temos como fazer nenhuma afirmação, pois a família não nos deu nenhum retorno sobre as condições neuropsicológicas de G. Sua oralidade é precária, não articula bem as palavras, não tem um vocabulário condizente com sua idade, muitas vezes sua fala é infantilizada e não demonstra entusiasmo com sua aprendizagem, por menor que seja.

Seu estado de saúde geral chamou-nos atenção, pois G. tem a pele negra, porém sem viço, manchas brancas espalhadas pelo corpo, seus dentes apresentam cáries profundas e ele está sempre se queixando de dor. A mãe de G., ao ser questionada do por que não havia atendido ao encaminhamento do PSE (Programa

de Saúde Escolar) para o setor de odontologia do posto de saúde, alegou que não havia recebido tal documento; negligenciando mais uma intervenção da escola.

#### 4.4 O QUADRO DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS G. E P.A.

##### 4.4.1 O caso G. : a negligência da família em relação à escola

O que nos auxiliou a interpretar o problema de aprendizagem de G. foi avaliar todo o ambiente escolar no qual ele está inserido e em especial o papel que a família exerce em seu meio, a falta de retorno da família aos encaminhamentos da escola, as inferências feitas (coordenação e professores) após reuniões com a mãe de G., relatórios de demais profissionais a respeito do aluno, a metodologia aplicada pela professora (que correspondeu aos demais alunos da turma) e a convivência com os demais colegas de sala.

A partir do momento em que a metodologia aplicada pela professora atendia às necessidades de aprendizagem dos demais alunos e G. não progredia no processo ensino/ aprendizagem, a família passou a ser convocada para reuniões. Sua mãe foi chamada à escola por diversas vezes e tentamos fazê-la sentir-se responsável por ajudar seu filho em casa, pois G. não trazia o material necessário para as aulas do dia, seus cadernos sempre desencapados e suas atividades extraclasse feitas com desmazelo, muitas vezes, por outras pessoas e a justificativa dada pela mãe é que ele não “queria fazer”.

Por esses motivos aconselhamos a mãe, a consultar profissionais da saúde a fim de conhecermos o estado de saúde física e neurológico de G.. Tal conhecimento poderia nos fornecer parâmetros para definirmos o que realmente poderíamos esperar de G. em termos de aprendizagem. E como poderíamos ajudá-lo a despertar seu desejo pela leitura e escrita. Porém, ainda não obtivemos nenhum retorno da família.

Conforme Rossini “se a criança está feliz ela aprende, ela faz” (ROSSINI, 2001, p. 15). Para a autora, a falta de apoio familiar, em questão, a afetividade leva à rejeição, à falta de motivação, à ausência de expectativas; a criança não se sente vista pela família e, portanto, não precisa ir bem nos estudos.

A família de G. demonstrava em reuniões, nas quais comparecia, sua falta de preparo para lidar com o filho. Dizia que não tinha tempo para levá-lo aos atendimentos solicitados pela escola, por causa do trabalho. Notava-se um distanciamento da mãe com o filho, pois em nenhum momento a criança reproduzia falas de carinho ou histórias vividas em família, nas rodas de conversa.

G. apresenta na rotina escolar descumprimento de regras e combinados. Seu relacionamento interpessoal é bastante conturbado, seus colegas evitam brincar com ele, pois ele está sempre batendo, até mesmo 'sem querer'! No Dia do Brinquedo, G. leva brinquedos sempre sem seu nome, troca esses brinquedos com colegas de outras turmas, demonstrando não ter noção do seu valor.

Durante as aulas, mexe o tempo todo com algum objeto debaixo da mesa, o que prejudica sua atenção para a aula. Chama a atenção de outros colegas com seus 'barulhos' (fica imitando sons de avião, carro, dentre outros) e pede materiais emprestados, sempre! Rasteja debaixo da mesa, pula de uma cadeira para a outra e sempre quebra algum material coletivo. Tais manifestações em sala de aula levaram-nos a questionar como seria sua rotina e seu relacionamento no ambiente familiar.

Diversas atitudes de G. parecem-nos falta de limite. A esse respeito Rossini (2001) afirma que o limite é uma forma de expressão de carinho e cuidado e que a falta do limite foi confundida pela família como liberdade não assistida, portanto, a família perde o controle das atitudes do filho e para suprir a falta de tempo ou a falta de algum bem material. Assim, os pais passaram a deixar os filhos "fazerem o que querem."

Em Pedagogia Afetiva, Rossini (2001) afirma que o exemplo constitui uma das melhores maneiras de ensinar, como se fosse uma referência firme, que será seguida na prática cotidiana. Isso revela que a família tem que oferecer à criança subsídios de orientações conforme a sua própria estrutura. Então, é importante saber a rotina da família e qual a devida importância que ela dá à instituição escolar e ao ensino como um todo.

Na sociedade atual é comum presenciarmos situações em que o estudo é visto apenas como uma ponte para benefícios sociais como bolsa escola, bolsa família, dentre outras. Muitas vezes também, os pais com menos escolaridade não

conseguem vislumbrar um futuro promissor para os filhos, porque não vivenciaram a experiência e o resultado dos estudos em sua própria vida profissional.

A rotina familiar de G. nunca foi abertamente revelada pela mãe, que parece sempre omitir a verdadeira situação, dando respostas que imagina serem as esperadas pela professora e pela equipe pedagógica da escola. A mãe manifesta através de palavras a falta de expectativas que G. atinja níveis mais avançados nos estudos.

Conforme Lucia Oliveira dos Santos Miguel, em seu artigo intitulado “A importância da participação das famílias dos alunos no processo de aprendizagem, visando ao sucesso escolar”; afirma que

*[...] é importante a família ser um suporte para as necessidades das crianças e dos adolescentes, sendo que esse suporte deve acontecer também com o processo de aprendizagem escolar. O sucesso no processo de aprendizagem escolar depende de alguns elementos considerados fundamentais: a organização do espaço físico, a disponibilidade de materiais educacionais, além do envolvimento no processo de desenvolvimento dos filhos. (MIGUEL, 2008, p. 6)*

A reflexão de Miguel (2008), transcrita acima, reforça uma questão sobre a qual os educadores parecem não ter dúvidas, qual seja, o papel que a família tem no processo de aprendizagem dos alunos. No sentido de trazer dados empíricos da minha própria prática apresento, a seguir, o caso do aluno P. A.. Este caso possui uma similaridade inicial que diz respeito ao fato de que P.A. apresentou inicialmente um quadro de dificuldades de aprendizagem muito parecido com o de G., mas evoluiu de maneira bastante diferente em função da participação da família na vida escolar da criança.

#### **4.4.2 O caso P.A.: a cumplicidade da família em relação à escola**

O trabalho realizado com outro aluno que iniciou o processo de aprendizagem juntamente com G. e que também demonstrava dificuldades semelhantes, mas que logo foram sanadas através da participação efetiva da família; que se prontificou a buscar auxílio especializado com profissionais da saúde. Conforme detalhamento abaixo:

P.A. iniciou o ano de 2010, com o comportamento praticamente idêntico ao de G., era um aluno agressivo, irritadiço, não conseguia concentrar-se, chegou a fugir

da escola duas vezes e chegar em casa sozinho. Passava a aula quase toda se arrastando entre as carteiras na sala. Não adiantava pedir para que não procedesse daquela maneira, nem levá-lo, que logo em seguida lá estava ele novamente da mesma forma. Saía da sala toda vez que a porta era aberta, e ninguém conseguia 'pegá-lo' dentro da escola, porque ele simplesmente se escondia e ficava assim até quando achava conveniente.

Não reconhecia nenhuma letra do alfabeto, nem os numerais. Não participava de nenhum momento da aula, pois não saía do chão. Após conversa com a coordenadora, achamos importante contatar a família de P.A.. A mãe demonstrou total desconforto com a situação. Porém, depois de idas e vindas e reclamações quase infundáveis, ela convenceu-se que era hora de agir, para o bem do próprio filho.

E foi o que fez. Agendou uma consulta com o pediatra, como recomendamos inicialmente, e logo em seguida foi realizando todos os exames solicitados e consultas a outros especialistas. Enfim, um neuropediatra diagnosticou o 'problema' de P.A.: disfunção cerebral. Iniciou-se imediatamente o tratamento aliando ao atendimento psicológico uma medicação que P.A. utiliza até hoje: Carbamazepina 200 mg e Imipramina 25 mg.

Após esse diagnóstico, P.A. passou a ser acompanhado pela Equipe de Apoio à Inclusão na escola e nossa acompanhante Maria de Fátima, deu total apoio à família, acompanhando a criança inclusive, aos atendimentos médicos. A mãe sentiu-se totalmente segura e com todo esse apoio conseguiu 'convencer' o pai de P.A. que a medicação era mesmo importante e que iria ajudar seu filho.

Quanto a mim, com o diagnóstico em mãos, comecei a pesquisar sobre essa disfunção e modos como poderia trabalhar com ele em sala de aula. Desenvolvi estratégias (jogos, aulas mais dinâmicas, momentos de atividades motoras aeróbicas, dentre outras) para torná-lo cada vez mais ciente de suas possibilidades e concentrar sua energia para o aprendizado.

À medida que o trabalho com P.A. ia seguindo um ritmo cada vez mais rápido de intervenções e respostas, ele ia se empolgando com a realidade de **ser capaz de**, e isso para ele foi o maior incentivo para querer se superar cada dia mais. Hoje P.A. é um aluno que lê e interpreta textos, produz e comunica-se através da escrita.

Todo esse processo nos mostra claramente que mais importante que diagnosticar as dificuldades é ter meios de se trabalhar com as diferenças; daí a importância decisiva da família nesse processo.

De posse e ciente das diferenças neuropsicológicas de P.A., pude como professora e, portanto, mediadora do processo de aprendizagem, trabalhar com o auxílio da família, de forma a utilizar a troca de experiências entre P.A. e o restante da turma e promover um avanço. Tudo isso, respeitando seu ritmo e tempo e promovendo atividades que destacaram suas capacidades, não suas dificuldades. Com isso ele tornou-se seguro e apropriou-se do sentimento de responsabilidade com sua própria aprendizagem, o que o levou ao sucesso apresentado hoje: entusiasmo com suas aprendizagens e altruísmo na troca e auxílio de colegas que ainda precisam de apoio para realizar alguma atividade.

Existe ainda uma terceira criança que, acho válido citar, pois também auxiliou-me a perceber a importância da família para o sucesso na vida escolar da criança. Vou nomeá-la G.A., também para resguardar sua identidade. Sua 'história' foi bem mais "tranquila", porque já chegou à escola como uma aluna com deficiência.

G.A. é portadora de uma deficiência denominada *artrogripose* na qual a criança nasce com deformidades fixas nas articulações e os músculos fracos. G.A. chegou à escola com muitas expectativas e ansiedade, acredito pelo fato de nunca ter podido ir pontualmente à escola antes, por causa das diversas cirurgias pelas quais havia passado até o momento. Ela quase não conhecia o mundo escolar.

No seu primeiro dia de aula, chegou com muita alegria e total fascinação por tudo que via. Isso me causou certo alívio, confesso, pois desde que fui informada que receberia uma aluna com deficiência motora fiquei um pouco apreensiva, pois isso, infelizmente, ainda causa desconforto no professor; acredito que por falta de uma formação específica. No meu caso, o desconforto foi em relação à minha expectativa quanto ao meu trabalho, se corresponderia e seria capaz de mediar e tornar possível essa inclusão de maneira satisfatória para a criança, sua família e para a escola.

A alegria de G.A. contagiou a todos na sala e os colegas se empolgaram em mostrar a ela tudo o que despertava sua curiosidade por saber e conhecer. Deixei que ela entrosasse com os colegas e que eles pudessem demonstrar a ela a

satisfação que sentiam em recebê-la na sala. Esse primeiro contato foi de extrema importância para o sucesso da inclusão de G.A. na escola, promovendo a troca de experiências entre ela e seus pares.

No início, de posse do diagnóstico de G.A. e com uma conversa com a mãe para saber a sua trajetória até aquele momento, fui buscar informações sobre a deficiência: sua causa, quadro clínico, prognósticos, tratamentos e implicações educacionais e que o quadro de G.A. era de *amioplasia*, segundo um pediatra conhecido, um tipo de *artrogripose* clássica. Busquei saber então, pela mãe, quais as orientações que o hospital havia feito em relação à forma como lidar com G.A.. A mãe orientou-nos apenas quanto às necessidades básicas de G.A. como: alimentação e higiene – a forma correta de alimentá-la, os alimentos que ela poderia ou não ingerir- e como fazer sua higiene – que inicialmente consistia em trocar sua fralda a cada vez que ela reclamasse de desconforto. G.A. usava fraldas inicialmente, pelo fato de eu ainda não contar com a auxiliar de apoio à inclusão em minha turma e, caso ela desejasse ir ao banheiro, eu não poderia sair da sala a qualquer momento, assim levaria tempo para pedir que alguém da escola pudesse levá-la ao banheiro.

Diante dessa situação, G.A. mostrou-se insatisfeita em depender tanto de nós. Disse então, que gostaria de deixar de usar fraldas. Eu propus a ela que fizéssemos um 'teste' e pedi que toda vez que desejasse ir ao banheiro me avisasse bem no início. Foi o que fizemos e deu super certo, apesar dela ter feito suas necessidades algumas vezes na roupa, mas creio que uma situação perfeitamente compreensível.

Em relação ao trabalho dentro de sala de aula, foi uma verdadeira lição de paciência e confiança. G.A. demonstrou muita empolgação para escrever, porém, como havia passado por cirurgias nas mãos, ensinaram a ela no Hospital Sarah, como manusear o lápis com a boca. Inicialmente ela fez dessa forma e demonstrou bastante destreza. Porém, em alguns dias externou sua indignação e chamou-me dizendo: “*Quero escrever com minha mão, eu tenho mão!*”. Contrariando, em partes, o que o pesquisei, em relação às implicações educacionais para o caso de G.A. que orientava quanto à maneira de conduzir metas que não envolvessem habilidades manuais ou locomoção generalizada, imediatamente afirmei que se ela desejava escrever com suas mãos, ela escreveria com suas mãos! Perguntei como gostaria

que eu posicionasse o lápis para que ela pudesse manuseá-lo e ela me pediu que apenas o colocasse perto da sua mão. E assim fiz. Ela foi puxando o lápis devagar até que consegui encaixá-lo entre seus dedinhos, que são meio tortos para o lado, apoiando-o no antebraço. Os movimentos da escrita ela fez com o antebraço e não propriamente com a mão.

Quando percebeu que havia conseguido movimentar o lápis e copiar as letras que via no quadro, G.A. olhou-me com um largo sorriso no rosto e agradeceu-me! Foi muito emocionante para mim! Desse dia em diante, passei a repetir esse ato e pude ver a satisfação de G.A. em sentir que era capaz de copiar. Ela não se importava com o que estava escrito naquelas letras, o entusiasmo dela era saber que era capaz de mostrar que podia utilizar suas mãos. Quando cansava uma, ela mudava o lápis e copiava com a outra mão. Até quando realmente se cansava e aí eu passei a pedir que a auxiliar de apoio à inclusão da turma, que a PBH já havia disponibilizado, terminasse de copiar o restante à caneta, para que a família pudesse diferenciar o que a própria filha havia feito naquele dia.

Dessa forma, com empolgação G.A. foi demonstrando vontade de copiar tudo que eu escrevia além de também escrever espontaneamente o que era proposto, da sua maneira.

Nesse momento, a mãe demonstrou certa ansiedade quanto ao processo de aprendizagem. Ela procurou-me e relatou sua ansiedade. Eu conversei com ela e pedi que tivesse paciência, que sua filha estava passando por um processo que demandava tempo e respeito quanto ao seu ritmo. Expliquei que para a criança, naquele momento, o importante era experimentar sua descoberta quanto à capacidade motora. Que ela estava empolgada e merecia ter reconhecida sua nova habilidade.

A mãe então percebeu que sua ansiedade só prejudicaria sua filha e decidiu então respeitar esse 'tempo' do qual eu falava. Eu lhe garanti que o processo seria lento, porém, no final ela estaria alfabetizada. A mãe pediu-me orientações para ajudá-la em casa e assim eu fiz: expliquei-lhe como se dá o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, os níveis de escrita que a criança passa e as principais características de cada um. Ela então foi embora mais confiante e tranquila em relação à capacidade da filha, levando consigo alguns jogos e brincadeiras que eu orientei que poderia fazer em casa.

Passado esse tempo de desenvolvimento da habilidade motora, G.A. passou para um novo estágio de seu desenvolvimento: agora desejava aprender a ler. Começou então a querer saber os nomes das letras, seus sons, nos livros sempre queria saber exatamente qual palavra estava escrita naquele lugar que estava 'lendo'. Ela realizava a pseudoleitura e não se contentava com o que estava 'lendo'. Estava sempre muito atenta a todo tipo de texto que via. G.A. foi construindo aos poucos suas hipóteses, sempre participando de toda atividade feita na sala.

A troca de experiências entre G.A., seus pares e o acompanhamento diário da mãe, foi de suma importância para o sucesso do processo de aquisição da base alfabética por G.A..

A mãe de G.A. procurou-me um mês depois da volta às aulas, após o recesso do mês de julho, e relatou-me sobre sua surpresa ao constatar que G.A. começou a ler 'de repente'! Expliquei que, como havia falado anteriormente, fazia parte do processo a passagem de um estágio ao outro, fazendo uma analogia ao fato de subir uma escadaria, temos que subir um degrau de cada vez. Ela estava radiante e orgulhosa da filha.

Passado algum tempo, novamente a mãe procurou-me relatando sua ansiedade, dessa vez, em relação à aquisição de conceitos matemáticos. Mais uma vez, conversei com a mãe e lembrei-lhe do processo pelo qual sua filha havia passado até ali e cada conquista que havia feito. Pedi novamente que desse a importância devida e respeitasse as prioridades que G.A. estabeleceu para sua aprendizagem: inicialmente desenvolver a habilidade motora, vencida essa fase, ler. Expliquei que ela só iria dar atenção e despertaria curiosidade em relação à aquisição dos conceitos matemáticos após ela sentir-se satisfeita com seu processo de leitura; assim como ocorreu com a atenção dada à leitura que só ocorreu após sentir-se capaz de realizar os movimentos de coordenação motora fina para a escrita. Expliquei também, que o fato de ainda não reconhecer determinados numerais ou saber realizar uma operação matemática sozinha, não implicava que não 'sabia nada' de matemática, como a mãe afirmava. G.A. apenas ainda não havia despertado curiosidade suficiente para dedicar-se a mais esse avanço.

Recentemente, G.A. tem começado a demonstrar essa curiosidade: através do trabalho feito com o ábaco, confeccionado na sala (utilizando uma caixa de

sapatos e rolinhos de papel higiênico para representar as ordens - Unidades, Dezenas, Centenas e Unidades de Milhar-).

Hoje ela trabalha em dupla, em grupo e individualmente, utilizando de forma satisfatória o ábaco, realizando operações, compondo e decompondo numerais; partindo de uma proposta inicial que era 'brincar' de um jogo chamado "Nunca Dez", que tem como objetivo mostrar a questão da troca a cada grupo de dez formados em cada ordem. Conclusão da turma: "Numa casinha nunca pode morar mais de nove, quando junta dez tem que mudar para uma casinha maior!"

#### 4.5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Diante do exposto sugerem-se ações metodológicas pedagógicas para aproximação e participação da família de G. no âmbito escolar:

**4.5.1 Pesquisa, com as famílias, para levantamento de dados** em relação família/escola em forma de pergunta, encaminhada a todos os pais dos alunos da turma, a fim de saber em quais situações a família normalmente procura a escola e posteriormente aferida em gráfico. ( Modelo de documento e gráfico em anexo)

#### **4.5.2 Solicitação de relatórios médicos**

Fizemos solicitações a esses pais (de P.A. e de G.) que foram convocados a comparecerem à escola, de encaminhamentos aos profissionais da saúde; para que fosse comprovada a integridade física e mental (cognitiva) de seus filhos, a fim de podermos intervir corretamente no processo ensino/aprendizagem; de forma a respeitar o ritmo e o tempo de cada um, assim como suas potencialidades.

#### **4.5.3 Relatórios de outros professores que acompanham o processo de aprendizagem de G. na turma desde 2010**

Coletamos e analisamos relatórios que foram feitos por professores e coordenadores que acompanham a turma desde 2010 e que, portanto, conhecem o aluno e seu processo de aprendizagem. Tendo como objetivo diagnosticar a origem das dificuldades do aluno e a participação da família.

#### **4.5.4 Entrevista direta, objetiva e descritiva com a mãe do aluno**

Foi elaborado um questionário a ser aplicado diretamente à mãe de G. pela própria professora com objetivo de averiguar a rotina da família e analisar qual a importância que a família dá ao meio escolar e expectativas que alimenta quanto ao futuro do filho. (Modelo do documento em anexo)

#### **4.5.5 Entrevista direta, objetiva e descritiva para o aluno**

Foi elaborado um questionário a ser aplicado diretamente ao aluno G. pela própria professora com o objetivo de verificar a rotina no ambiente familiar do aluno, a participação da família em suas tarefas e o interesse do mesmo por atividades escolares. (Modelo do documento em anexo)

#### **4.5.6 Quadro de rotina de tarefas familiares a ser preenchido pela mãe com auxílio da professora**

Esse quadro tem como objetivo verificar como o tempo é distribuído em casa para atender todas as necessidades básicas como: horário de alimentação, de estudos, de trabalho, de conversa e atenção, de sono, de lazer, entre outros. (Modelo do documento em anexo)

#### **4.5.7 Observação da brincadeira espontânea**

Registro de momentos, através de filmagens e fotos, em que G. faz alguma atividade ou brincadeira nos quais demonstra muitas vezes atitudes das relações do mundo familiar.

#### **4.5.8 Dinâmica de sensibilização**

Na primeira reunião de pais, realizada em 2012, dei início ao meu Plano de Ação, convidando às famílias para participarem de uma dinâmica com o objetivo de demonstrar para as famílias a importância da ajuda mútua, escola e família; para que o processo de ensino/aprendizagem lograsse sucesso.

A dinâmica consistia em convidar duas mães para irem ao quadro (intencionalmente convidei a mãe de G. e a de P.A.) e escreverem com apenas uma das mãos, a que não era usada habitualmente, seus nomes completos. E o restante dos pais deveriam observar toda a dinâmica.

A mãe de G., imediatamente me disse que não daria conta, tentando esquivar-se da tarefa. A mãe de P.A. pôs-se a tentar escrever, mesmo com dificuldade, não reclamou nem impôs qualquer obstáculo!

Eu argumentei com a mãe de G. e ela começou a tentar. Escreveu seu nome utilizando a letra de fôrma. Saiu meio torto, algumas bem fracas, outras maiores, mas no final conseguiu!

Depois que as duas terminaram o primeiro comando, eu orientei então, que agora poderiam utilizar a outra mão para ajudar a primeira a escrever.

Imediatamente as duas começaram, a mãe de G. dessa vez escreveu com letra cursiva e num ritmo bem mais acelerado. A mãe de P.A. não teve problema algum.

Terminado então os dois comandos, pedi às duas que relatassem o sentimento que tiveram ao receber o primeiro comando. A mãe de G. disse que se sentiu incapaz, já a mãe de P.A. pensou que seria difícil, mas que daria um jeito.

Quando pedi para relatarem o que sentiram quando utilizaram as duas mãos para realizarem a tarefa, elas disseram que foi bem mais fácil!

Nesse momento, voltei para o restante dos pais que observaram todo o processo e perguntei o que eles haviam observado. Imediatamente, alguns pais me disseram que perceberam a sensação de 'inutilidade' que a mãe de G. me relatou que havia sentido, ou seja, essa sensação foi visivelmente transmitida aos demais. E destacaram a prontidão com que a mãe de P.A se dispôs a fazer a tarefa, mesmo insegura, ela não demonstrou.

Então foi minha vez de falar sobre o objetivo dessa dinâmica: fazê-los refletir sobre a importância da união, da ajuda mútua, da relação família e escola. O quanto o trabalho da escola se torna mais fácil e significativo, quando a família está do outro lado, 'segurando' na mão dos filhos. Falei da falta dessa parceria e das consequências que a falta do auxílio e apoio em casa acarretam para a criança em processo de aprendizagem.

Aproveitei então, para pedir que se comprometessem mais com esse processo, pois o que fizerem pelos filhos hoje é o que vão colher amanhã! E

acrescentei: o que não fizeram agora terão que se responsabilizarem mais tarde.

Ao final da reunião, fui cumprimentada por diversos pais e procurada por outros para pedirem orientações: como poderiam ajudar seus filhos, como poderiam participar mais do processo que alguns ainda desconheciam (aproveitei para explicar como se dá o processo de aprendizagem da escrita e quais os níveis que a criança passa, e mais ainda como poderiam intervir no nível que seu filho se encontrava!).

#### **4.5.9 Projeto de leitura: “Álbum de figurinhas”**

Projeto de incentivo à leitura e participação familiar, que tem por objetivos proporcionar momentos de interação família/escola, incentivar a participação e compromisso da família nas atividades escolares da criança, estimular o gosto pela leitura, entre outros. (Documento em anexo)

## 5. CONCLUSÃO

A avaliação do plano de ação iniciou-se pela mudança de postura da professora que intensificou seu olhar para a turma, atentando-se para o lado mais afetivo dos alunos e suas famílias; buscando meios e estratégias para aproximar as famílias da escola.

Apresentando como um dos pontos positivos proporcionar uma desacomodação na rotina das famílias e da escola. De forma processual e gradativa foram avaliados detalhes pertinentes às manifestações emocionais de G. e de sua mãe durante as intervenções.

Os resultados foram satisfatórios e condizentes aos objetivos do plano de ação.

Com a **Dinâmica de Sensibilização** realizada na 1ª reunião de pais de pais de 2012, buscou-se atentar os pais para a necessidade de estabelecer-se uma “aliança” com a escola, visando o sucesso escolar de seus filhos. Essa “aliança” tem sido mais consistente desde então, pois os pais dos alunos em geral, passaram a retornar, gradativamente, com maior interesse e compromisso participando com mais entusiasmo das atividades escolares dos filhos.

Especificamente no caso de G., a mãe demonstrou perceber a importância da existência desse elo, família e a escola; manifestando imediatamente a vontade de esforçar-se para auxiliar o filho e comprometendo-se em retornar às solicitações feitas pela escola desde 2010; prontificando-se a empenhar-se em buscar o auxílio dos especialistas da área da saúde.

Os encaminhamentos a profissionais da área da saúde, solicitados às famílias de P.A. e de G. desde 2010, tiveram retorno diferenciados. Enquanto a família de P.A., embora inicialmente tivesse demonstrado resistência ao tomar conhecimento quanto ao comportamento inadequado de seu filho no ambiente escolar, dispôs-se a realizar os encaminhamentos necessários e tão logo de posse dos resultados, os apresentou à escola; possibilitando assim a intervenção pedagógica correta e em tempo hábil para garantir o sucesso de aprendizagem de seu filho. Ainda hoje, continua nos mantendo informados de todo quadro clínico e acompanhamentos que o filho ainda necessita.

Já a família de G. sempre apresentava uma justificativa e esquivava-se de realizar os encaminhamentos, o que gerou ao longo de dois anos, um quadro de agravamento gradativo das dificuldades de aprendizagem detectadas inicialmente. Após a sensibilização inicial e uma reunião individual, já no ano de 2012, solicitada pela professora, envolvendo: mãe, professora, coordenadora e direção da escola; a mãe de G. acabou por convencer-se que realmente o quadro em que seu filho estava era insustentável e que somente ela poderia ajudá-lo, haja vista, a escola depender de diagnósticos precisos sobre o estado físico e neurológico de G. para realizar intervenções adequadas à sua necessidade.

O retorno começou a aparecer logo na semana seguinte à reunião: a mãe relatou-nos que o filho já estava sendo atendido por uma clínica de psicologia e ao ser indagada porque não havia comunicado à escola anteriormente, ela disse que já havia comunicado sim (porém não havia na pasta do aluno, nenhum relatório médico). Mas a mãe comprometeu-se a solicitar ao psicólogo que atendia seu filho outro relatório sobre o acompanhamento de G.. A mãe então nos trouxe dois relatórios de acompanhamentos, um de uma psicopedagoga e outro de uma terapeuta ocupacional. Ambos relatando as dificuldades apresentadas por G. nos atendimentos e que coincidiam com as observações da professora em sala de aula; destacando a necessidade da continuidade do tratamento nos dois setores.

A mãe realizou posteriormente, outra consulta com uma neuropediatra que após exames clínicos, concluiu que G. não preenche critérios para TDAH e que sua apatia e desinteresse devem-se ao fato de não conseguir acompanhar a turma. Ressaltando a facilidade de G. em concentrar-se em atividades extra-escolares. Concluindo, portanto, que a dificuldade de G. seja possivelmente de origem familiar, pois a mãe também teve dificuldades de aprendizado (o que nunca havia nos relatado). O médico recomenda o acompanhamento pedagógico individualizado, que já está sendo feito desde abril no PIP (Programa de Intervenção Pedagógica).

Atualmente, G. começa a dar sinais de melhora em seu quadro: a participação dele e de sua família no Projeto “Álbum de figurinhas”, tem sido satisfatória, pois ele tem levado um livro por semana e conseguido fazer o relato para o colega, demonstrando ter tido acompanhamento em casa e, ‘merecendo’ assim a figurinha relativa à história lida e recontada.

A mãe demonstrando maior interesse motivou a criança a participar mais ativamente das atividades, esforçando-se para concluí-las e pedindo ajuda quando necessita. Ele relata: “*preciso fazer as tarefas porque a minha mãe agora vai olhar em casa!*”

Todos na escola (professores de outros conteúdos, coordenadora e monitores da Escola Integrada e professora do PIP) têm notado o avanço do aluno através de suas atitudes e esforço em realizar as atividades propostas. Deixando claro que a participação da mãe ajudou G. no processo de reconhecimento da responsabilidade de promover a construção do saber por ele mesmo, consciente de **ser capaz** de realizar.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, Nádia A.; OLIVEIRA, Vera Barros (org.). Avaliação Psicopedagógica da criança de 0 a 6 anos. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 183-205.

CIASCA, S. M. Distúrbios de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 220 p.

CUNHA, Marcus Vinícius. A escola contra a família. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 447-468.

DEUSCHLE, Vanessa Panda, DONICHI, Gabriele, PAULA, Giovana Romero. Distúrbios de aprendizagem: etiologia e tratamento. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=841>.

EMÍLIO, Solange Aparecida. Grupos e Inclusão Escolar – Sobre laços, Amarras e Nós. São Paulo: Paulus, 2008, 189 p.

KUSE, Pâmela. 2011. Distúrbios de aprendizagem. Disponível em: [http://educacao.caxias.rs.gov.br/pluginfile.php/186/mod\\_resource/content/0/reunioes\\_2011/disturbios\\_aprendizagem.pdf](http://educacao.caxias.rs.gov.br/pluginfile.php/186/mod_resource/content/0/reunioes_2011/disturbios_aprendizagem.pdf)

MAIA, Lucimara. 2008. O QUE É DDA? Disponível em: <http://lucimaramaia.com.br>

MIGUEL, Lúcia Oliveira dos Santos. A importância da participação das famílias dos alunos no processo de aprendizagem, visando ao sucesso escolar. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2272-6.pdf>.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. 6ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002, 115 p.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, 183 p.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. Pedagogia Afetiva. Petrópolis: Vozes, 2001, 116 p.

TERCEIRO, Pedro. 2011. MÉTODO DAS BOQUINHAS. Disponível em: [http://www.francymedia.site90.net/francymedia\\_psicologia/francymedia\\_psicologia\\_arquivos/francymedia\\_psicologia\\_educ\\_med\\_met\\_boquinhas.pdf](http://www.francymedia.site90.net/francymedia_psicologia/francymedia_psicologia_arquivos/francymedia_psicologia_educ_med_met_boquinhas.pdf)

ROHDE, Luis Augusto, BARBOSA, Genário, TRAMONTINA, Silzá, POLANCZYK, Guilherme. TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE. Revista

Brasileira de Psiquiatria. vol.22, s.2, São Paulo, Dec. 2000. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462000000600003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462000000600003&script=sci_arttext)

## 7. APÊNDICE

### 1. Pesquisa com as famílias para levantamento de dados em relação à interação família/ escola.

Escola Municipal Francisca de Paula

Senhores pais,

Com intuito de fazer um levantamento de dados a respeito da relação da família com a escola, solicito que os senhores respondam a seguinte pergunta:

**Em quais situações você procura a escola?** (Marque as opções)

- \_\_\_\_\_ quando meu filho tem problema como outro colega
  - \_\_\_\_\_ quando a professora chama
  - \_\_\_\_\_ quando a coordenação e/ou direção convoca em todas as reuniões
  - \_\_\_\_\_ quando meu filho apresenta dificuldades em aprender os conteúdos
  - \_\_\_\_\_ quando a escola convoca para receber algum benefício: Kit escolar, Kit uniforme, entre outros
  - \_\_\_\_\_ apenas para pegar o boletim escolar
  - \_\_\_\_\_ outros motivos.
- Quais? \_\_\_\_\_

Agradeço a colaboração,  
Professora Débora Avelar



## **2. Entrevista direta, objetiva e descritiva com a mãe de G.**

1. Nome completo
2. Idade
3. Nível de escolaridade:
4. Você auxilia seu filho nas atividades escolares? ( ) sim ( ) não  
Se sim, em quais horários? Como?
5. Em que você sente dificuldade de auxiliá-lo? Por quê?
6. Que providência você sugere ou toma quando percebe alguma dificuldade do seu filho?
7. Qual a importância você atribui à escola na vida de seu filho?
8. Qual é a estrutura da sua família? (membros e funções)
9. Que pretensões (sonhos) você tem para seu filho profissionalmente?
10. Mais alguém da família pode ou dispõe de tempo para acompanhar seu filho nas atividades escolares? Quem?
11. Você estabelece regras e horários para seu filho? Quais?
12. Em quais situações você normalmente procura a escola/ professora?

## **3. Roteiro de entrevista com aluno G.**

- 1- Idade
- 2- Quem são as pessoas que moram com você?
- 3- O que você considera ruim na sua família/casa?
- 4- O que você mais gosta de fazer com a sua família?
- 5- O que você gostaria de fazer junto com a sua família que ainda não fez?
- 6- Quem te ajuda a fazer o para casa?
- 7- Existe outra pessoa que possa te ajudar nas tarefas da escola? Quem?
- 8- Você tem horários certos para fazer cada atividade (para casa, ver TV, brincar, comer...) em casa?
- 9- O que sua mãe faz quando você faz algo que ela não aprova?
- 10-O que você mais gosta de fazer na escola?
- 11-O que você tem dificuldade de fazer na escola?
- 12-Quem são os amigos que você mais gosta na escola?
- 13-Você acha que é um bom aluno? Por quê?
- 14-O que você gostaria de aprender na escola?
- 15-Fale 10 palavras que te lembram a escola.
- 16-Fale 10 palavras que te lembram sua casa e/ou família.

#### 4. Quadro de rotina de tarefas familiares

Quadro de Rotina diária do aluno G

Obs: No quadro de rotina deverá conter a descrição das atividades que a criança faz em casa bem como: tarefas, brincadeiras, refeições, descanso e atividade escolar

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							

#### 5. Projeto: “Álbum de figurinhas”

**Projeto:** “Álbum de figurinhas”

**Público alvo:** 23 alunos da turma de 3º ano do 1º ciclo

**Duração do projeto:** 1 semestre

##### **Justificativa:**

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, a leitura é importante, pois tem como um dos seus objetivos ampliar as possibilidades de inserção e participação nas diversas práticas sociais; além de promover o desenvolvimento da comunicação, da expressão e do pensamento. A leitura permite que o aluno formule hipóteses de compreensão do texto, identifique as funções do texto escrito e também auxilia na produção da escrita.

Portanto, este projeto é um importante instrumento de intervenção para auxiliar os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem da leitura e interpretação de textos, além de oportunizar a prática da leitura e escrita, assim

como incentivar o relacionamento interpessoal (alunos/alunos, alunos/professora, alunos/familiares e família/escola).

### **Objetivos Gerais:**

- Proporcionar momentos de interação família/escola
- Promover momentos de relacionamento interpessoal entre os alunos
- Estimular a prática e o gosto pela leitura

### **Objetivos específicos:**

- Incentivar a participação e o compromisso familiar nas atividades escolares
- Observar as manifestações dos sentimentos da criança por meio da interpretação dos textos
- Sistematizar a prática da leitura
- Oportunizar e estimular o exercício da criatividade, representação teatral, contação de histórias, entre outros
- Desenvolver a oralidade e habilidades de produção textual através do reconto, oral e escrito da história lida
- Respeitar e interagir com os colegas
- Desenvolver segurança para expressar suas emoções, além de apresentar-se publicamente (desinibição)

### **Desenvolvimento do Projeto:**

A atividade é composta por:

- 23 livros de literatura (gêneros variados) escolhidos pelos próprios alunos
- Ficha de orientação da atividade para a família
- Figurinhas produzidas pelos alunos, contendo um desenho representando o livro escolhido, nome do autor (a) do livro e nome do aluno responsável pela escolha do livro
- Um álbum de figurinhas com os espaços para colar a figurinha de cada livro lido

#### **1º momento**

Toda terça-feira, cada aluno levará um livro para casa (que será trocado entre os colegas). Deverá ler a história juntamente com a família e elaborar uma forma de contar a história na sala de aula, ou em outros espaços da escola, na semana seguinte.

#### **2º momento**

Quando retornar para a escola no dia determinado, a criança irá realizar o reconto da história para o colega responsável pela história lida; que também ficará

responsável por avaliar o reconto feito pelo colega e premiá-lo, ou não, com a figurinha do livro correspondente.

Um aluno será sorteado toda semana para apresentar a sua história para o restante da turma. (E outros colegas que queiram apresentar sua história também poderão fazê-lo).

Após o reconto, cada aluno deverá fazer a produção escrita da história contada, para apreciação e intervenção da professora, individualmente.

### **3º momento**

Os trabalhos dos alunos serão expostos ao final do projeto, em espaço e dia pré-determinados pela professora; e contará com a presença das famílias, que serão convidadas para apreciar as obras dos alunos; assim como o restante das turmas de toda escola.

### **Sugestão Interdisciplinar:**

**Artes:** confecção de fantoches dos personagens dos livros, teatros, dentre outros.

**Língua Portuguesa:** produção textual (aproveitar para fazer intervenções quanto à estrutura dos textos, pontuação, ortografia).

### **Avaliação:**

A avaliação será feita por meio de observação da participação da família, capacidade de interpretação e reconto das histórias lidas; além da produção de textos (lógica, coerência, uso da pontuação e paragrafação etc).

## **Ficha de instrução para a família**

Senhores pais ou responsáveis,

É com muita alegria que realizaremos um trabalho em conjunto (escola/família) de incentivo à leitura. Estamos certos que poderemos contar com a participação de todos vocês.

Para começar basta seguir as instruções abaixo:

- Os pais (ou responsável) deverão ler o livro juntamente com seu (a) filho (a).
- Solicitar que ele (a) faça o reconto da história.
- Auxiliar seu (a) filho (a) a elaborar uma forma, criativa, para recontar a história em sala.

Obs: os livros deverão retornar na data determinada.

Os pais deverão assinar a folha de presença na atividade e datá-la

**Folha de presença da atividade**

<b>DATA</b>	<b>Assinatura: RESPONSÁVEL QUE AUXILIOU A CRIANÇA</b>